

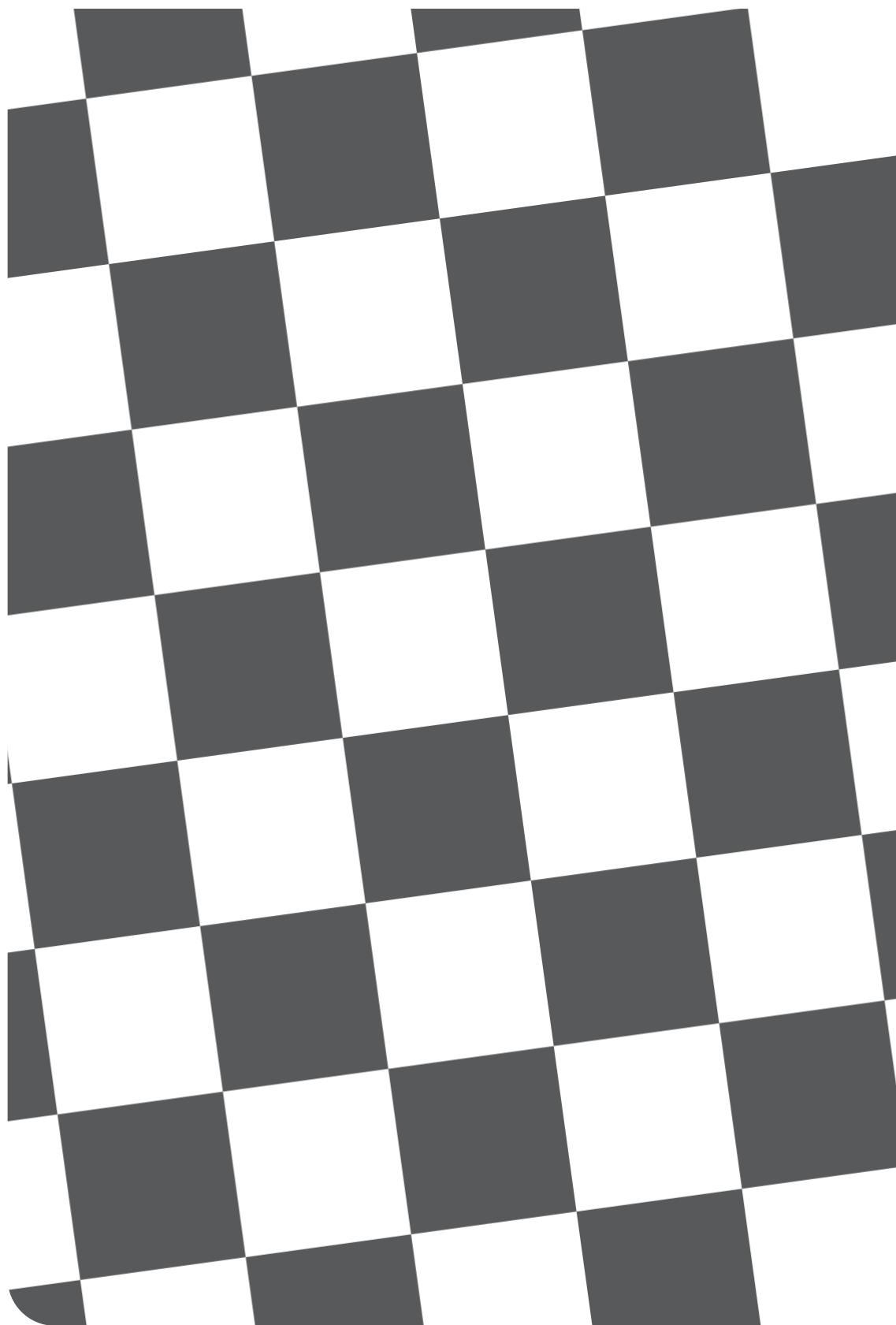
ESTE LIVRO É DEDICADO A QUEM EM TEMPOS FOI CONSIDERADO
SOBREDOTADO E CHEIO DE TALENTO. FICA AQUI ALGO PARA
AJUDAR A LIDAR COM O ESGOTAMENTO.

«LEMBRA-TE DE QUE SOU A TUA CRIATURA; EU DEVIA
SER O TEU ADÃO, MAS SOU ANTES O ANJO CAÍDO...
EU ERA BENEVOLENTE E BOM; A MISÉRIA FEZ DE MIM
UM DEMÓNIO. FAZ-ME FELIZ E VOLTAREI A SER VIRTUOSO.»

— *Frankenstein*, Mary Shelley

«NÓS, QUE SOMOS JOVENS, NUNCA VEREMOS TANTO,
NEM VIVEREMOS TANTO.»

— *Rei Lear*, William Shakespeare



**DEZASSEIS
ANOS
ANTES**

A REVISTA ÁTOMO

EDIÇÃO 98

GÊNIO OU INSANIDADE: O MÉTODO BUTTON

POR JESSE PHILIPS

5 DE JULHO

Há um ditado francês que diz: «*L'habit ne fait pas le moine*», ou seja, «O hábito não faz o monge». Numa versão inglesa mais banal: não se deve julgar um livro pela capa.

Contudo, se o livro em questão for um homem velho e desesperado, agarrado à relevância social enquanto inventa teorias científicas que simplesmente não correspondem à verdade, então talvez devêssemos julgá-lo um pouco. Se não pela integridade da ciência, ao menos pela minha própria sanidade.

Como já poderão ter lido nas notícias, o excêntrico bilionário francês Leontes Button decidiu afastar-se do papel de criador de jogos e aventurar-se na criação de teorias científicas. A maioria conhecerá Button como o fundador da internacionalmente conceituada empresa de jogos e *merchandising* **Button Games**, famosa pelos seus brinquedos de ação e quebra-cabeças de topo, grandes sucessos de vendas. Contudo, o mais recente empreendimento do bilionário nada tem que ver com jogos infantis. Trata-se antes de uma experiência controversa que está a provocar ondas de choque na comunidade científica e além dela:

«O Projeto Salvar a Humanidade», uma experiência centrada numa ideia simples: génio. Mais especificamente, a *ciência* do génio e aquilo que é necessário para tornar *uma criança num génio* — ou, por outras palavras, num prodígio.

A hipótese do Sr. Button para esta grande experiência? Que a educação e o meio têm um peso muito superior ao da natureza inata no mundo dos prodígios. Não se nasce génio. Não. Um génio pode, segundo

Button, ser retirado de um orfanato ao acaso e fabricado num laboratório, tal como se produz cloridrato de alumínio ou ácido acético.

Infelizmente para o Sr. Button, uma bata branca não faz um cientista. O que faz um cientista é um diploma credível, a capacidade de demonstrar relações de causa e efeito e investigação sujeita a revisão por pares.

Coloca-se também a questão de como o Sr. Button tenciona levar a cabo esta sua «experiência». Para lá das questões práticas, há aqui uma extensa lista de preocupações éticas. Espera-se que o Sr. Button tenha juízo suficiente para não testar esta sua teoria em seres humanos *reais*. Alguém deveria recordar ao velho Leontes que esses métodos de experimentação científica depravados, draconianos e dignos de Zimbardo deixaram de estar em voga desde a década de 1970; mas, tendo em conta anos de relatos sobre maus-tratos aos seus funcionários na Button Games, tenho a sensação de que a ética é a menor das preocupações de Leontes.

Nenhum cientista sério se aproximaria do Sr. Button ou da sua experiência, nem com uma vara de três metros, não quando a sua própria reputação estaria em jogo por algo que só pode ser descrito como trabalho amador.

Talvez alguns dos meus leitores considerem que estou a ser demasiado severo. Afinal, que mal há num velho a brincar aos jogos?

Quem sabe? Talvez o velho Leontes nos prove a todos que estamos errados e invente a viagem no tempo a seguir.



A pesar de ter sido aconselhado pela sua equipa a não comentar a mordaz diatribe de Jesse Philips, dias após a publicação do artigo original na *Revista Átomo*, o Sr. Button divulgou a sua resposta.

A sua agora célebre réplica de duas palavras viria mais tarde a tornar-se uma realidade para o jovem jornalista científico:

«Comam merda.» — Leontes Button (10 de julho)

15 ANOS (E ALGUMAS SEMANAS) ANTES

MANSÃO BUTTON

No início, Henry Xu encarou tudo aquilo como nada mais do que um jogo inofensivo.

Mas, à medida que via a cena distorcida desenrolar-se diante dos seus olhos, percebeu que não havia nada de inofensivo nem de remotamente divertido naquilo.

Parecia algo saído de um romance distópico:

O Sr. Button, instalado no seu trono de cabedal castanho estilo *chesterfield*, enquanto uma das empregadas colocava cada criança junto às paredes da sala e outra dispunha os objetos em fila, no centro — *uma peça de xadrez, um arco de violino, uma medalha de ouro, um pincel e um lápis* —, antes de regressarem aos seus lugares, à espera de novas instruções.

Os funcionários andavam a preparar os acontecimentos daquele dia havia vários meses. Tinham-se certificado de que a sala se mantinha a uma temperatura exata e ideal para estimular o cérebro, de que os objetos tinham sido avaliados por especialistas como escolhas ideais para o propósito que em breve serviriam, que os funcionários de serviço estariam à altura das suas funções e conscientes do que estava em jogo, assinando acordos de confidencialidade e recebendo bónus generosos pela sua cooperação, assim como pelo seu silêncio.

Cada pessoa seria um jogador e cada jogador tornar-se-ia um peão. Na qualidade de secretário pessoal do Sr. Button, Henry Xu certificara-se disso.

Após vários momentos de absoluta inação, o Sr. Button passou os olhos pela sala, detendo o olhar nos bebés imóveis sentados diante de si. Suspirou alto, descruzou as pernas e ergueu-se da poltrona de cabedal.

— Crianças, devo lembrar-vos de que hoje é um dia muito especial, um dia que vos definirá para o resto das vossas vidas. Há muito em jogo para que isto corra na perfeição, por isso é da maior importância que façam a escolha certa. *Capisce?* — disse o Sr. Button, fitando severamente os pequeninos rechonchudos, cujos olhos arregalados pestanejavam na direção do homem alto e grisalho que continuava, no fundo, a ser-lhes um estranho.

Era impossível que as crianças compreendessem verdadeiramente uma única palavra do que o velho estranho dissera e, ainda assim, o Sr. Button anuiu com a cabeça, como se tivesse recebido uma resposta satisfatória.

— Muito bem — prosseguiu, abrindo um largo sorriso antes de regressar à sua cadeira.

Henry pigarreou e endireitou a gravata com nervosismo. Mal podia esperar que aquele dia terminasse. Infelizmente, na sua ingenuidade, não percebia que aquele dia era apenas o começo. Não haveria fim, nem um «viveram felizes para sempre». As coisas só tenderiam a piorar para os ocupantes da Mansão Button.

Em retrospectiva, seria difícil entender como Henry não percebera o quão errado tudo aquilo era, quando os sinais sempre lá estiveram. Um observador externo talvez apontasse para as bandeiras vermelho-sangue que ondulavam no ar abafado da Mansão Button. E, no entanto, como se fosse daltónico, Henry não viu os problemas a aproximarem-se — pelo menos, não de início.

Meses depois, haveria de lamentar não ter intervindo mais cedo. Não ter questionado se aquilo era minimamente moral. Submeter crianças a tal coisa, obrigá-las a escolher quem seriam para o resto das suas vidas sem compreenderem o que isso significava para qualquer uma delas.

Tornarem-se experiências científicas involuntárias. Peças de xadrez. A viver a fantasia orwelliana de um bilionário.

Não era tanto a prática em si que Henry considerava antiética, mas o próprio Leontes Button. Estava quase certo de que o Sr. Button retirara a ideia de colocar objetos diante de crianças para que escolhessem assim o seu futuro dos antepassados de Henry. Não seria a primeira nem a última vez que um homem como o Sr. Button roubava e deturpava algo sagrado.

Zhuazhou (conhecido como Doljabi, na Coreia). Um costume chinês com mais de mil anos, semelhante apenas em teoria: a prática de deixar as crianças gatinharem em direção ao seu destino no dia do seu primeiro aniversário.

Henry mal se lembrava da sua própria cerimônia de escolha, mas a mãe costumava falar da ocasião com ternura.

Imaginou-a a segurá-lo com força, a beijá-lo na testa como tantas vezes fizera, antes de o pousar no chão. Imaginou que o teria colocado ali, enquanto os familiares e aqueles que mais o amavam se reuniam em volta, sonhando para ele um futuro mais luminoso e mais brilhante do que qualquer um que ele próprio ousaria imaginar.

Um futuro muito melhor do que o presente, em que era secretário de um dos homens mais poderosos do mundo.

Ao contrário do que quer que o Sr. Button estivesse a fazer naquele dia, a cerimônia, na sua forma original, era um reflexo de esperança.

E ali, com toda a certeza, não havia esperança nenhuma.

— Vá lá, crianças! Despachem-se! — gritou o Sr. Button para os bebês imóveis, ainda sentados nos cantos afastados do amplo escritório. Bateu palmas com violência, sobressaltando toda a gente, Henry incluído.

O primeiro bebê a mexer-se foi, claro, Bilal. Nunca fora de ficar quieto por muito tempo.

Os funcionários sustiveram a respiração enquanto a criança gatinhava na direção dos objetos, parando diante deles, a cabeça a mover-se da esquerda para a direita, como se examinasse cada um.

Os seus dedinhos castanhos contorceram-se ao agarrar a medalha de ouro.

— Esse é o meu rapaz! — exclamou o Sr. Button, enquanto Billy levava o objeto redondo à boca. Uma das empregadas pegou nele ao colo e levou-o dali, entregando-o à sua ama de leite.

Menos uma criança indefesa, agora faltam quatro, pensou Henry.

Henry trabalhava para o Sr. Button havia apenas alguns meses, embora, segundo os restantes funcionários, fosse o secretário que mais tempo aguentara nos últimos anos. Os três anteriores tinham-se despedido em menos de um mês.

No início, Henry não compreendera porquê. O salário era generoso — o triplo do que ganhava no emprego anterior — e tinha até direito a um quarto na Mansão. O horário era flexível e o trabalho em si não era tão exigente quanto se poderia supor. Bastava-lhe gerir parte dos assuntos do Sr. Button e, ocasionalmente, supervisionar as crianças.

Mas, à medida que os dias se prolongavam, Henry começou a perceber porque tinham os outros desistido.

Era a escuridão. O vazio inescapável que se instalava quando se permanecia demasiado tempo na Mansão Button.

A Mansão tinha o encanto frio e silencioso de um cemitério. A segurança que oferecia assemelhava-se ao abraço gelado de um fantasma faminto: imprevisível e cruel. Era como se, ao atravessar a porta, a cortina de fumo se dissipasse e se tornasse evidente que jamais se conseguiria afastar aquela sensação de inquietação.

Henry acabaria por teorizar que a casa estava, de facto, amaldiçoada, e que quanto mais tempo ali se permanecia, mais facilmente a escuridão criava raízes e corroía tudo por dentro, até não restar senão pó de ossos. Assombrada e assombrando, faminta e devorando tudo o que continha. Henry sentia a casa a apodrecê-lo de dentro para fora.

E, ainda assim, ficou.

Ao longo dos anos, veria o Sr. Button a assumir o papel de um deus, testemunhando o pecado no seu ponto de origem, começando ali, no Éden, e culminando de forma catastrófica com os cinco herdeiros involuntários do bilionário. O toque do Sr. Button deixava um rasto de escuridão sobre tudo e todos.

Henry tentou agora afastar aquele peso, continuando a observar a cena perversa que se desenrolava diante de si.

A criança seguinte a mover-se foi Fola. A sua natureza competitiva era evidente na rapidez e determinação com que avançou para os objetos dispostos no tapete.

Não demorou tanto como o irmão a escolher aquilo que se tornaria o seu destino.

Soltou uma pequena gargalhada infantil ao agarrar a peça de xadrez no chão — o peão, ironicamente —, antes de ser levada, tal como o irmão. A recompensa por se conformar foi o privilégio de se alimentar

da sua própria ama de leite. As outras crianças — Romeo, Perdita e Octavius — seguiram pouco depois o exemplo dos irmãos.

Os olhos do Sr. Button brilharam ao ver os seus cinco herdeiros moverem-se com excitação, agarrando nos seus futuros cuidadosamente orquestrados com mãos ainda por desenvolver.

A mera observação deveria ter sido suficiente para perceber o que lhes estava destinado.

Se Henry soubesse o que os esperava, talvez tivesse intervindo. Talvez tivesse arriscado o emprego, e possivelmente a vida, para pôr fim àquilo.

Mas como poderia ele saber o que os acontecimentos daquele dia iriam desencadear?

Como poderia qualquer um deles saber?

— Isto é motivo de celebração! — anunciou o Sr. Button à sala mal iluminada, recebendo apenas silêncio como resposta. O único som presente era o da chuva a bater no telhado.

— Henry, por favor, vá buscar uma garrafa do melhor vinho que temos — pediu o Sr. Button, enquanto o céu do entardecer se tingia de púrpura, trazendo ainda mais escuridão para o interior da sala.

Henry hesitou, olhando do Sr. Button para as criadas, todas de cabeça baixa, e depois para as cinco crianças agarradas aos seus prémios.

— Só para si, senhor? — perguntou, incerto quanto aos limites do seu empregador. Depois do que já testemunhara, não lhe surpreenderia que Leontes Button considerasse apropriado servir copos de *pinot noir* a cada um dos filhos.

O Sr. Button riu-se.

— Claro que não! — exclamou. O coração de Henry parou por um instante. — Copos para todos vocês também, e sumo para as crianças. Portaram-se bem hoje.

Henry soltou um suspiro de alívio.

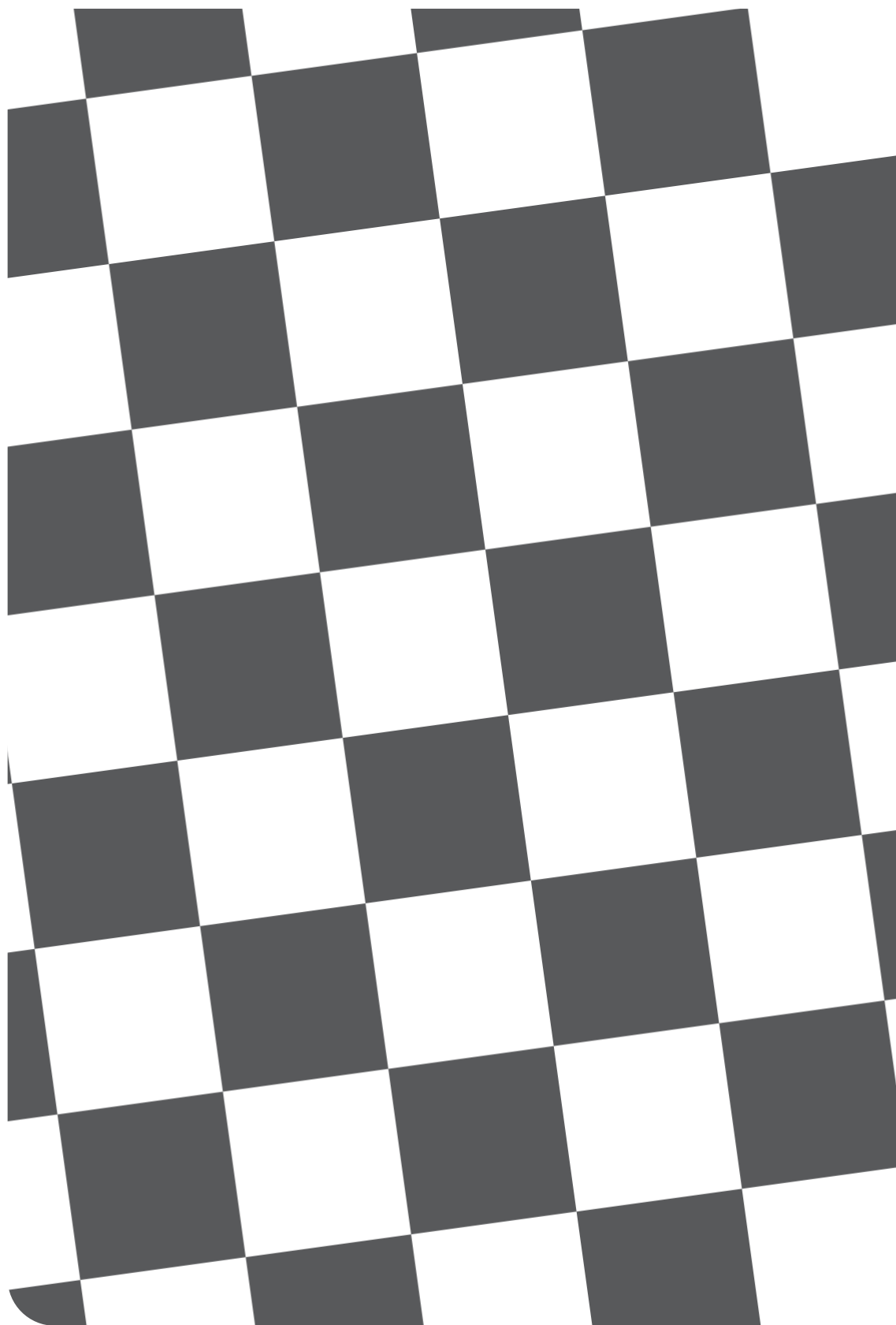
Graças aos céus, quase murmurou.

Antes de sair para ir buscar as bebidas, voltou-se uma última vez para as crianças. O seu olhar deteve-se naquela que segurava o objeto com um sobrolho franzido, como se, ao contrário dos irmãos, tivesse consciência da gravidade da escolha que fizera.

1.º ATO



O PEÃO DO REI



**TEMPO
PRESENTE**

A morte veio buscar Leontes Button às 23h44, sob a forma de um estrondo ensurdecedor.

Os seus uivos agonizantes foram abafados pela música da orquestra no convés superior do iate. Uma sinfonia de cordas vibrantes e sopros sibilantes, de percussões ritmadas e do zumbido prolongado dos metais engoliu e silenciou aquelas que seriam as suas últimas palavras.

Foguetes rasgaram o céu noturno, em sintonia com o coração enfraquecido do Sr. Button, crepitando e rebentando na atmosfera antes de perderem força e se apagarem num nada imóvel e sem pulsação.

Era barulho a mais para que se ouvissem os gritos vindos de baixo do convés.

Ecuridão a mais para que se visse o rosto e as palmas ensanguentadas da figura que se afastava, cambaleante, do cadáver sombrio do Sr. Button.

E demasiado tarde para voltar atrás no tempo e impedir que tudo isto acontecesse. Demasiado, demasiado tarde.

A última coisa que o Sr. Button veria antes da sua morte prematura seria o ódio ardente nos olhos daquela figura.

Às 23h57, enquanto o grande navio estremecia de um lado para o outro, mais ninguém sabia que o Sr. Button estava morto havia já vários minutos.

Na verdade, foi apenas às 07h21, muitas horas depois de terminados os festejos da noite, é que os funcionários encontrariam o corpo do Sr. Button e ele seria declarado morto no local.

Os detalhes que nos trouxeram até este momento não são, de todo, invulgares. Mas o que se seguiu a esta tragédia sangrenta é consideravelmente mais interessante do que os infortúnios que a antecederam...

HORAS ANTES

10H37 – GRAND CENTRAL STATION, NOVA IORQUE

No centro da maior estação ferroviária do mundo, havia um rapaz de coração partido sentado ao piano.

Tocava por entre a azáfama da hora de ponta matinal, passando despercebido, enquanto os habitantes desta cidade que nunca morre passavam por ele apressadamente, em direção às portas de embarque. A caminho de vidas longe dali — ou, pelo menos, era isso que ele imaginava.

O rapaz vinha ali todos os dias antes da escola, havia já um mês, àquela mesma estação, àquela mesma hora. Vestia sempre as mesmas roupas invulgarmente maltrapilhas e as mesmas sapatilhas gastas e marcadas, o cabelo branco-sal num ninho revoltado por pentear, tudo cuidadosamente pensado para ocultar a sua verdadeira identidade.

Ninguém suspeitaria de que um *Herdeiro Button*, de todas as pessoas, estaria ali, naquele lugar, com um ar mais do que abatido.

E ninguém imaginaria que o herdeiro em questão era, na verdade, Octavius Button: terceiro filho mais velho do bilionário Leontes Button e músico adolescente de renome.

Octavius preferia audiências desprevenidas, livres do peso das expectativas, que pouco ou nada quisessem saber de quem ele era ou de onde vinha. Não quando era apenas um rapaz insignificante a tocar uma melodia igualmente insignificante que ninguém reconheceria ou se daria ao trabalho de escutar.

Era disso que mais gostava na cidade. Nenhum nova-iorquino no seu perfeito juízo queria saber dele ou do seu coração destruído. Era total e absolutamente invisível, e era assim que gostava das coisas.

Os dedos pálidos e delicados de Octavius dançavam sobre as teclas, repetindo as mesmas notas, a mesma música, num ciclo sem um fim definido. Tinha um ar possuído, como uma máquina avariada. E, de certo modo, era exatamente isso, se acreditarmos no que alguns cientistas dizem sobre o cérebro humano ser uma grande e complicada máquina. Nesse caso, Octavius era um computador infetado por um vírus. Defeituoso, com falhas constantes que anunciavam o fim da sua vida útil, o *hardware* completamente devastado pelos males do amor e pelos efeitos colaterais do desgosto.

Fragmentos de aorta, fluido pericárdico coagulado e o pouco que restava do ventrículo direito, tudo deixado para trás no rasto do amor, espalhado pela cidade como uma trilha ensanguentada que o seguia para onde quer que fosse. Mesmo agora, enquanto tocava, uma poça invisível de sangue escorria-lhe do órgão rompido, acumulando-se aos seus pés e tingindo o tecido branco das suas *Converse* gastas de um vermelho-carmesim vivo.

Demasiado absorvido a esculpir uma melodia nas teclas de madeira do piano, o rapaz não percebeu a mudança subtil no ar quando esta aconteceu. Não ouviu os saltos dos botins a bater ritmicamente no mármore da estação, nem sentiu os olhos a cravarem-se-lhe na nuca.

Só quando uma mão bem cuidada, de unhas impecáveis e pele castanho-escuro, surgiu de repente diante dele é que deu pela presença intrusa.

Observou o dedo indicador daquela mão já estendida pressionar uma das teclas — fá sustenido —, quebrando o seu fluxo com uma única nota dissonante.

Ele levantou os olhos por entre o brilho excessivo das luzes da estação, e os caracóis tingidos de loiro-mel e o esgar pouco impressionado da sua irmã mais velha surgiram no seu campo de visão.

— Fola? — disse ele, num tom que era simultaneamente de saudação e interrogação.

— Octavius — respondeu ela, de forma que era ao mesmo tempo resposta e constatação.

Se não fosse o facto de a irmã viver num estado quase permanente de desagrado, entre a sua expressão crispada e os seus braços cruzados, ele teria presumido que estava zangada com ele por algum motivo.

— O que estás a fazer aqui? — perguntou ele, quando na verdade queria dizer: *Como é que me encontraste?*

— Podia perguntar-te o mesmo. Não devias estar na escola? — retorquiu a irmã dele.

— Hoje é o meu dia livre — mentiu. Na verdade, Octavius quase nunca ia às aulas ultimamente.

Fola limitou-se a pestanejar, dissecando a mentira com o seu habitual olhar analítico. Antes que pudesse fazer outra pergunta invasiva, ele antecipou-se.

— Não respondeste à minha pergunta... O que estás aqui a fazer?

Não via a irmã há semanas, talvez meses. Nunca fora grande coisa a acompanhar detalhes inúteis como a passagem do tempo. Da última vez que a vira, ela aparecera de surpresa no Liceu Preparatório Appleton (o seu colégio interno em Manhattan) várias luas atrás, muito ao estilo do que estava a fazer agora. Viajara até lá apenas para lhe pedir que ponderasse voltar a casa nas férias de verão. Ele perguntara-lhe porquê, e ela respondera simplesmente: «Porque tenho saudades tuas.» O que era muito, *muito* pouco típico da sua irmã.

Na verdade, era pouco típico de qualquer um dos seus irmãos; não eram propriamente uma família dada a afetos. Nem se lembrava da última vez que falara com Bilal, Perdita ou Romeo.

E apesar de, na escassa lista de pessoas que Octavius efetivamente tolerava, Fola ser uma das suas favoritas, o último encontro entre ambos não fora propriamente agradável, pelo que imaginou que aquele também não seria.

— Mandaram-me vir buscar-te, já que ninguém fazia ideia de onde poderias estar — respondeu ela, lançando um olhar de ligeiro desdém ao piano de cauda onde ele estava sentado.

Mandaram-me, pensou ele, por um instante imaginando se o colégio teria finalmente decidido preocupar-se com as suas faltas constantes e, por algum motivo absurdo, enviado a irmã para o resgatar. Sempre tivera uma assiduidade miserável, e ninguém o incomodara nos três anos

que ali passara (algo que suspeitava dever-se, em parte, a quem era o seu pai). Portanto, não. Não podia ser isso. Tinha de ser outra coisa...

Octavius franziu o sobrolho.

— Quem é que te mandou?

— Tu sabes... os suspeitos do costume — disse Fola, abanando a mão com desdém.

Os suspeitos do costume costumava ser código para o pai. Mas, por outro lado, também podia ser mais uma das tentativas de Fola para o arrastar de volta à mansão da família sem motivo aparente.

— Bem, como podes ver, estou muito ocupado — respondeu Octavius, gesticulando para o piano. — Portanto, infelizmente, não poderei ir contigo neste momento.

Fola arqueou uma sobrancelha e lançou-lhe um olhar avaliador de alto a baixo, absorvendo a sua aparência desalinhada.

— Oh, vejo perfeitamente que estás muito ocupado. Ocupado a fingir que és pobre outra vez, isso sim. O que é que eu te disse da última vez sobre fazeres *cosplay* da classe trabalhadora, Tavi? — perguntou Fola, severa. Depois, por fim, quebrou a própria rigidez, deixando escapar um pequeno sorriso que atravessou a sua habitual expressão cautelosa. Era um sorriso que apenas reservava para Octavius e para equações matemáticas complexas.

Ele revirou os olhos.

— Não estou a fazer *cosplay* de ninguém. Estou apenas a ser patético e a afundar-me em autocomiseração. Não me tinha apercebido de que estava a cometer um crime.

Ela lançou-lhe mais um olhar minucioso e, momentos depois, deixou escapar um «*ahh*» suave, como se finalmente o tivesse decifrado.

— Deixa-me adivinhar, mais uma das tuas incursões românticas acabou de forma amarga?

Octavius suspirou.

— Pode dizer-se que sim.

— Quem foi desta vez? Uma herdeira japonesa? O filho de um oligarca russo? A próxima Miss Argentina? — provocou Fola, sentando-se ao lado dele no banco estreito do piano. Ela sempre achara as desventuras amorosas do irmão irresistivelmente cómicas.

— Um príncipe espanhol — murmurou ele.

Não era a primeira vez que Octavius era descartado de forma impiedosa. Nem a segunda. Nem a terceira. Porém, desta vez, doía por razões que ele próprio não sabia explicar, sobretudo tendo em conta que um dos seus antigos pretendentes tivera a distinta coragem de o deixar por fax, através da máquina *antiquada* do colégio interno. Desta vez, pelo menos, Octavius fora abandonado cara a cara, entre *chai lattes* no Central Park. Seria de esperar que já tivesse ultrapassado o assunto, dado que tinham passado semanas desde o término. Talvez a sua melancolia se devesse ao facto de ter começado finalmente a perceber que o denominador comum em todas as suas relações era ele.

— Sabes, apesar de tudo isto me parecer um bocadinho demasiado teatral para o meu gosto, quase começo a ter pena de ti — disse Fola, despenteando-lhe o cabelo branco-platinado.

Ela gostava de lhe chamar namorado em série, como se fosse escolha dele ser repetidamente abandonado e humilhado, como se a sua vida fosse uma versão triste e interminável de *O Feitiço do Tempo*. Ele não *escolhia* ser abandonado; as suas relações é que simplesmente acabavam sempre da mesma maneira: primeiro, sinais subtis de desinteresse; depois, Octavius a tentar agarrar-se desesperadamente à popa de um navio que já partira há muito; por fim, métodos variados, quase bárbaros, de cortar laços. Fola nunca compreenderia. Nunca fora deixada por ninguém; era sempre ela quem terminava os seus relacionamentos.

Ele lançou-lhe um olhar fulminante.

— De qualquer forma, já te disse que estou ocupado, por isso o que é que ainda estás aqui a fazer? — perguntou novamente, tentando, e falhando, disfarçar a sua irritação crescente. — Claramente não é só para gozares comigo ou porque «tinhas saudades». Então o que é? E como sabias sequer que eu ia estar aqui?

— Respondendo a todas as tuas perguntas *existenciais*... tens razão, não estou aqui para te chamar de volta porque tinha saudades, embora, para que conste, tenha sempre, *imensas* saudades tuas, querido irmão. Estou aqui porque fomos todos convocados a voltar à Mansão para cumprir as nossas obrigações contratuais anuais. E, por fim, sabia

que estarias aqui porque sei como pensas. Descobrir os teus movimentos foi apenas uma longa e enlouquecedora equação matemática.

Ele não gostava que ela o achasse tão previsível; às vezes esquecia-se de quão estratega a irmã realmente era. Ela apanhava-o sempre nas suas mentiras, muitas vezes antes mesmo de ele a dizer. Estava constantemente vários passos à frente de toda a gente. Há muito que ele aprendera a aceitar isso.

Octavius olhou para ela, confuso.

— Obrigações contratuais anu...

— Que dia é hoje, Tavi? — interrompeu-o ela.

Ele encolheu os ombros. Já não sabia quando fora a última vez que pensara na data, quando todos os dias lhe pareciam iguais, fundindo-se numa única massa monocromática e sem contornos.

— Sexta-feira, vinte e três de novembro — disse Fola, respondendo à própria pergunta.

Ele fitou-a, vazio.

Ela pestanejou e limitou-se a acrescentar:

— Dia do Baile dos Prodígios.

E ali estava a peça que faltava. O pesadelo encaixou finalmente no seu lugar horrível.

— Foda-se — murmurou, esfregando de imediato os olhos, como se pudesse afastar o horror que se aproximava.

Da última vez que verificara, o evento ainda estava a dois abençoados meses de distância. Aparentemente, aquela rutura amorosa tivera um impacto maior do que imaginara.

— Pois, «foda-se» é mesmo a expressão certa. Já está toda a gente reunida na casa para a conferência de imprensa do décimo aniversário. Disse-lhes que tinhas ido tratar de uns recados. Claro que, como todos sabem que *nunca* tratas de recados, foi uma mentira pouco convincente. Ainda assim, é melhor do que a verdade: estares aqui, de ressaca, a faltar às aulas para chorares por alguém com quem te envolveste durante cinco minutos.

Octavius ignorou a crueldade casual das palavras da irmã acerca da sua vida amorosa.

— Achei que, se fingisse que não ia acontecer, simplesmente não aconteceria — respondeu, entorpecido.

— Em que universo é que o pai cancelaria o Baile dos Prodígios? Quanto mais o do *décimo aniversário*, com *conferência de imprensa* e tudo? — perguntou Fola, arqueando uma sobrancelha.

— Não sei. Num universo em que eu tivesse sorte, talvez.

— Vá lá, Tavi. O que é que eu já te disse sobre a sorte?

— Que não é fiável?

— Não, é pior do que isso — disse Fola, levantando-se do banco do piano. — É antimatemática, e, portanto, inútil de acreditar.

Octavius piscou os olhos para a irmã.

— Esqueço-me sempre de como és encantadora, Fols.

Fola revirou os olhos e consultou o relógio.

— Temos de ir andando. Está um carro à nossa espera... A não ser que queiras acabar a peça que estavas a tocar.

Octavius lançou um último olhar ao velho piano e abanou a cabeça.

— Isso ia contra o propósito.

— O propósito de quê? — perguntou Fola.

— Da peça. Chama-se «Pandesto: O Triunfo do Tempo». Escrevi-a para não ter fim; o objetivo é que seja tocada até o pianista ficar demasiado doente para continuar.

Fola fitou-o com o mesmo olhar que reservava para tudo o que não envolvesse matemática: uma mistura de perplexidade, repulsa e tédio.

— A arte está na ironia... o triunfo do tempo... mas somos nós que pioramos com o tempo — explicou ele, embora isso não parecesse ajudar.

— Portanto... não vais acabar a peça? — questionou Fola.

O olhar dele hesitou mais uma vez sobre as teclas, mas acabou por assentir.

— Acho que por hoje já terminei.

— Ótimo! — respondeu Fola e, sem aviso, agarrou-o pelo braço e começou a puxá-lo em direção a uma das muitas saídas da estação.

— Sabes que sou perfeitamente capaz de andar sozinho, certo? — resmungou Octavius, enquanto era praticamente arrastado pelo corredor apinhado.

Ela suspirou, largou-o e murmurou qualquer coisa sobre a lentidão dele enquanto seguia em frente a passo firme.

Ele preparava-se para ripostar com um comentário espirituoso sobre como, cientificamente, era naturalmente mais rápido do que ela, dada a diferença de mais de vinte centímetros entre ambos, quando algo, ou melhor, *alguém*, o fez parar abruptamente.

O rosto do irmão mais velho. Espalhado pelas primeiras páginas empilhadas numa banca de jornais.

O ATLETA OLÍMPICO DEMASIADO MAGOADO PARA DEFENDER A MEDALHA, lia-se numa manchete. Noutra: **BILAL BUTTON: GÊNIO DA ESGRIMA FINALMENTE DERRUBADO**. E noutra: **O DESLIZE DE BILAL**. E outra e mais outra. Cada título mais brutal do que o anterior.

— Imagino que já saibas do Bilal? — perguntou Fola, parando ao lado dele diante da banca.

Claro que sabia. Quem é que, no país inteiro, não sabia? A notícia acabara de rebentar e, apesar de viver muito fechado no seu próprio mundo, Octavius não conseguira escapar-lhe. Os jornais, as manchetes em rodapé, os sussurros demasiado altos. Era o único assunto nas bocas do mundo: O conceituado génio da esgrima e o mais jovem medalhista olímpico de ouro da modalidade enfrentava agora uma lesão potencialmente fatal para a sua carreira.

Ao que parecia, Bilal magoara-se num acidente insólito várias semanas antes, mas os detalhes só agora começavam a surgir.

Só agora começaram a vir a público, percebeu Octavius.

Houve um tempo em que ele teria sido a primeira pessoa a saber do que se passava na vida do irmão, em vez de descobrir ao mesmo tempo que o resto do mundo.

— Sim, ouvi falar do acidente — respondeu Octavius, entorpecido.

Um olhar estranho atravessou o rosto de Fola ao ouvir a palavra *acidente*, mas desapareceu no instante seguinte.

— Ele vai obviamente estar na conferência de imprensa esta tarde, se quiseres dizer-lhe alguma coisa. Imagino que tenha sido um período difícil para ele; seria bom saber como está — disse Fola, enquanto retomavam o caminho para a saída.

Octavius pensara em contactar o irmão na noite anterior, enviar-lhe uma mensagem para saber se estava bem, mas sabia que ficaria sem resposta.

Não tinha a certeza de que existisse alguém no mundo que o odiasse mais do que o seu irmão Bilal.

Era estranho pensar que, em tempos, haviam sido inseparáveis.

— Talvez — respondeu Octavius, sentindo o ar frio de novembro envolvê-lo ao saírem para a rua, enviando ondas de frio cortante pelo seu corpo.

Avistou o exterior elegante de um inconfundível carro da família Button estacionado à porta da estação, identificável pelo símbolo em forma de botão na matrícula. O motorista saiu e abriu uma das portas traseiras. Com um empurrão leve, embora nada delicado da sua irmã temperamental, Octavius entrou no carro.

— Obrigado por me manuseares assim — comentou, em tom mordaz, enquanto ela entrava atrás dele.

— Não tens de me agradecer, estou apenas a fazer o meu trabalho — respondeu Fola, visivelmente satisfeita consigo mesma.

— Pensei que o teu trabalho envolvia ganhar partidas de xadrez a velhos e resolver equações algébricas impossíveis — murmurou Octavius, quando o carro começou a andar.

— Sim, e *também* ir buscar o meu irmão mais novo dramático ao terminal enquanto ele amua e toca piano. Já agora, como é que aquele piano foi parar ali? Não me lembro de a Grand Central ter um...

Octavius encolheu os ombros com ar inocente.

— Quem sabe. Acho que o instalaram há umas semanas — respondeu, omitindo o facto de ter sido *ele* a submeter um pedido especial para que o piano do seu quarto no colégio fosse transferido para a estação. Ainda não se metera em problemas por causa disso. Era essa a maravilha de Nova Iorque. Ninguém fazia perguntas. Nem sequer quando um piano parecia cair do céu.

— Cada vez mais curioso — murmurou Fola, no tom que usava quando entrava em modo de resolução de problemas.

Octavius sabia que, mais cedo ou mais tarde, seria descoberto, que as suas pequenas transgressões não passariam despercebidas para sempre. Mas, por agora, pelo menos, tinham escapado ao radar.

Enquanto o carro avançava pela movimentada Forty-Second Street, Octavius preparou-se para o impacto de qualquer desastre que estivesse prestes a abater-se sobre si.